

GRANDE ENTREVISTA

Diniz Borges

Literatura açoriana pouco traduzida

São poucos os autores açorianos traduzidos nos Estados Unidos. Diniz Borges defende que é preciso chegar aos jovens universitários.

Págs. 02 e 03



Págs. 08 e 09

GRANDES OPÇÕES PARA 2023-26

“Cluster” do mar nas prioridades

Grandes Opções para 2023-26 do Governo da República apontam o desenvolvimento do “cluster” do mar dos Açores como prioridade.

Pág. 12

SANJOANINAS

Petição propõe mais um dia de marchas

Representantes de quatro marchas assinam petição para a realização de dois dias de desfile. Documento foi entregue ontem à autarquia.



Pág. 17

FUTEBOL

Praiense acompanha Angrense no regresso aos regionais

Cidades têm de pensar o futuro numa DINÂMICA DE INCLUSÃO

Págs. 06 e 07

As cidades Património Mundial têm de preservar o passado, mas também projetar o futuro, garantindo a inclusão, alerta o ex-embaixador na UNESCO Sampaio da Nóvoa.



ESTE ESPAÇO É O IDEAL PARA PUBLICITAR A SUA EMPRESA
e está disponível

CONTACTE-NOS E SAIBA AS CONDIÇÕES.
Av. Infante D. Henrique, 1, Angra do Heroísmo
Telefone: 295 401050
dipublicidade@diarioinsular.pt



ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA AVISA QUE NÃO BASTA PRESERVAR O PATRIMÓNIO

Clima, digital e demografia: os três desafios das cidades

UNESCO. Sampaio da Nóvoa defende que as cidades Património Mundial têm de pensar o futuro, tendo em conta as transições climática, digital e demográfica.

As cidades Património Mundial da Humanidade da UNESCO, como Angra do Heroísmo, têm de ser capazes de preservar o passado, mas também de projetar o futuro, tendo em atenção três grandes transições: a climática, a digital e a demográfica. A ideia foi defendida, esta terça-feira, pelo professor universitário António Sampaio da Nóvoa, que foi embaixador de Portugal na UNESCO, entre 2018 e 2021.

“Não se trata de transformar em cidades museus, paradas, sem vida, sem habitantes, desertas, como aconteceu em muitas cidades inscritas na lista de Património Mundial da Humanidade. Trata-se de projetar o futuro destas cidades com vida, com dinâmica, com futuro e não apenas atender à dinâmica da preservação. Este equilíbrio é um equilíbrio que não é fácil de atingir, afirmou, numa conferência no Centro Interpretativo de Angra do Heroísmo.

A iniciativa, organizada pelo Instituto Histórico da Ilha Terceira (IHIT) e pela Câmara Municipal de Angra do Heroísmo (CMAH), assinalou o Dia Internacional dos Monumentos e Sítios Históricos e marcou o início das comemorações dos 40 anos da inscrição do centro histórico de Angra do Heroísmo na lista do Património Mundial da UNESCO. Até dezembro, haverá todos os meses uma conferência para comemorar a efeméride.

Para António Sampaio da Nóvoa,

que foi candidato à presidência da República, em 2016, as cidades com o selo da UNESCO não podem preocupar-se apenas com a parte patrimonial, descurando a promoção da criação artística e cultural.

“Ser Património Mundial da Humanidade é infinitamente mais do que apenas preservar os edifícios, os passeios, as ruas, uma determinada vivência. Isso é central, é uma pré-condição, mas ser Património Mundial da Humanidade é uma responsabilidade muito maior do que essa, é ser capaz de pensar as cidades do futuro”, sublinhou.

E essa projeção do futuro tem de ter em conta a inclusão dos cidadãos, sobretudo numa altura em que 65% da população mundial vive em cidades.

“Ter Património Mundial da Humanidade é um grande reconhecimento e é uma grande responsabilidade. O que a UNESCO pede hoje às cidades Património Mundial é não só que preservem, mas que sejam também cidades capazes de pensar o futuro, numa dinâmica de participação, de inclusão. Nada fazer que possa acentuar as desigualdades dentro da cidade, que possa expulsar destes centros históricos cidadãos com menos posses”, frisou.

TRÊS TRANSIÇÕES

Em declarações aos jornalistas, à margem da conferência, Sampaio da Nóvoa salientou que as cidades, sobretudo aquelas que integram a lista do Património Mundial da UNESCO, têm uma “responsabilidade perante o passado”, também uma “enorme responsabilidade” de projetar o futuro. Para tal têm de perceber “três grandes transições”, a começar pela transição climática.

“As cidades que têm de se organizar do ponto de vista da sustentabilidade, da habitação, da energia”, adiantou.

Outro aspeto a ter em atenção é a “transição digital”. “É uma transição imensa. As cidades hoje não



podem deixar de assumir o digital como uma das suas grandes orientações”, apontou.

Por fim, e talvez aquela de se falarem menos, mas a que o professor universitário dá grande importância, é a transição demográfica.

“Daqui a 30 anos, a esperança média de vida será de 100 anos. Isto muda tudo nas nossas vidas, muda a educação, a saúde, a habi-

tação, os transportes, as convivia- lidades, a política, as questões de segurança e nós não estamos ainda a perceber devidamente esta dinâmica de transformação demográfica, que é particularmente importante nos grandes centros urbanos”, explicou.

A projeção das cidades, tendo em conta estas três transições, tem de garantir duas questões centrais,

na opinião de António Sampaio da Nóvoa: os direitos humanos e as desigualdades.

“Nada se fará sem uma atenção cada vez maior aos direitos humanos, num tempo em que grande parte do mundo vive permanentes atentados em relação aos direitos humanos, e, por outro lado, tem de haver um combate às desigualdades. É importante

bates do futuro da humanidade e também dos debates que têm a ver com a inclusão, com a luta contra as desigualdades, com a participação política, com a participação na vida democrática, as cidades são lugares decisivos para o futuro de todos nós”, afirmou.

DESAFIO DO TURISMO

Um dos principais equilíbrios a



CIDADES PODEM PERDER SELO DA UNESCO

Angra do Heroísmo sem sinais de alerta

As cidades Património Mundial da Humanidade podem perder a distinção da UNESCO, se não respeitarem os critérios que levaram à sua atribuição. Os casos são raros, mas existem, segundo o ex-embaixador de Portugal na UNESCO, António Sampaio da Nóvoa, que afasta, no entanto, esse cenário em Angra do Heroísmo.

“Não sou um conhecedor de Angra, mas até onde me é possível apreciar, do que eu ouço e do que eu recebi como ecos na UNESCO, dos acompanhamentos e das avaliações que sistematicamente são feitas, parece-me que Angra não é definitivamente uma das cidades que esteja em risco. Há outros bens em Portugal, infelizmente, que têm estado em risco, por diversas razões. Até agora, no caso de Angra, não houve nenhum sinal de alerta”, afirmou.

“Não é muito habitual” que a UNESCO retire as distinções de Património Mundial atribuídas, mas já aconteceu.

“Há casos históricos muito conhecidos. O caso de Dresden é provavelmente o caso mais conhecido, com uma ponte que se construiu no centro histórico. A UNESCO alertou, mas as autoridades decidiram que a ponte era mais importante do que a classificação de Património Mundial e fizeram a ponte. Recentemente, a cidade de Liverpool perdeu também o selo de Património Mundial da Humanidade”, apontou Sampaio da Nóvoa.

“Mais do que um reconhecimento este selo é uma responsabilidade, das autoridades locais, das autoridades regionais, das autoridades nacionais, mas sobretudo e acima de tudo dos cidadãos. Por isso, é que dinâmica de participação é um dos elementos centrais para a atribuição hoje do selo de cidade Património Mundial da Humanidade”, acrescentou.

que as cidades acolham o conjunto dos seus cidadãos, não expulsem cidadãos do centro e não criem guetos noutras partes. São muito importantes essas duas dimensões. São desafios imensos das cidades. O que a UNESCO diz é que aquelas que têm o selo de Património Mundial têm ainda mais responsabilidades do que as outras”, venceu.

O ex-representante permanente de Portugal junto da UNESCO defendeu, por isso, que as cidades têm de criar “políticas de habitação muito dinâmicas”, que evitem a expulsão de determinados grupos dos centros históricos, como tem acontecido “em muitos lugares do mundo”.

“É uma reflexão grande que a UNESCO tem vindo a fazer. As cidades são, já hoje em dia e no futuro, o lugar central por onde vai passar grande parte dos de-

manter numa cidade Património Mundial da Humanidade é entre o crescimento do turismo, que contribui para o seu desenvolvimento económico, e a habitação nos centros históricos. Sampaio da Nóvoa admitiu que é um desafio importante.

“Todos nós sabemos que o selo da UNESCO atrai muito turismo, que nalguns casos o turismo é absolutamente central e pode ser um elemento muito importante de encontro de culturas, de interculturalidade, e pode ter um papel também muito importante do ponto de vista económico, mas sabemos também que pode acontecer o contrário. Pode haver um turismo predador, que tem efeitos muito nocivos sobre o tecido social e sobre a realidade das cidades. Este equilíbrio é um equilíbrio muito difícil de manter, mas muito importante”, frisou.